

PESQUISA COMO ATO CRIATIVO*

Júlia Maria Costa de Almeida **
Rosa Inês de Novais Cordeiro ***

Resumo

Discussão sobre a atividade de pesquisa em ciência e arte pressupondo a perspectiva da prática pedagógica e investigativa das autoras realizada na Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Arte. O ato de pesquisar é visto como ato criativo dinamizado em diversos domínios do saber, embora cada campo tenha suas singularidades no processo criativo de geração da pesquisa. A atividade de pesquisa é analisada à luz da reversão que a noção de *problema* implica, tendo como fonte de recursos de explicitação conceitual a filosofia de Gaston Bachelard e de Gilles Deleuze.

Palavras-chave: Pesquisa. Ato criativo. Problema.

O desenvolvimento de um estudo que interroga aspectos da relação ciência/arte poderia partir de diferentes indagações e seguir por diversas abordagens e articulações a embasar distintas e até mesmo divergentes investigações. É, pois, necessário, esclarecermos o modo como vemos se articularem tais campos da criação e, em nosso caso, a chave da discussão seria a *atividade de pesquisa* que os conecta e os aproxima, embora cada campo tenha suas singularidades no processo criativo de produção/geração da pesquisa. Interessa-nos, assim, sondar o ato de pesquisa como ato criativo a dinamizar os diversos domínios do saber, tantas vezes alargando e embaralhando suas fronteiras.

É importante que salientemos um pressuposto desta nossa investida teórica que diz respeito à sua condição de resultado de um questionamento continuado que nos veio da experiência em processos de pesquisa tal como a prática pedagógica em nível de pós-graduação nos proporciona. Este aprofundamento deve estar relacionado diretamente a esta prática educativa e, mais particularmente, deve ser capaz de trazer luz à região de estudos em que intervimos como pesquisadores, o campo multi-facetado da ciência da arte, que nos esforçamos por ativar como campo de pesquisa para além das restrições disciplinares. É nele que, prioritariamente, gostaríamos de colher os resultados deste estudo em torno do ato de pesquisa.

Adotamos duas filosofias como fonte de recursos de explicitação conceitual do ato criativo: na filosofia da ciência de Gaston Bachelard procuramos as evidências do ato de pesquisa como ação que tem lugar no escopo de

* Artigo apresentado no II Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação, realizado em 18 e 19 de novembro de 2004, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

** Pós-doutora pela Duke University, professora da Universidade Federal do Espírito Santo almeidajulia@terra.com.br

*** Pós-doutora pelo Instituto de Psicologia (UFRJ), professora da Universidade Federal Fluminense. igneznovais@uol.com.br

um espírito científico que lhe antecede e lhe dá fôlego; aí procuramos os primeiros indícios do ato criativo contemporâneo, mais próximo à noção de problema que à dúvida cartesiana, mais próximo às perguntas que às respostas, apesar dos obstáculos e longe das opiniões. Curiosamente tais reversões bachelardianas ressoam na segunda filosofia que nos caberia evocar, a filosofia de Gilles Deleuze que, partindo desta epistemologia do problema, revolve a própria imagem do pensamento como ato de criação (nem opinião nem reflexão), conduzindo-nos a uma nova disposição de suas formas - arte, ciência e filosofia -, tríade a partir da qual redescobrimos o ato de pesquisar (em ciência da arte).

Passemos então a examinar a atividade de pesquisa à luz da reversão que a noção de problema implica, como propôs Bachelard (1999, p. 18).

Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.

Explicitando a idéia da potencialização do problema na atividade de pesquisa, Bachelard (1999, p.55) esclarece “[...] a resposta é muito mais nítida do que a pergunta, ou melhor, a resposta é dada antes que se esclareça a pergunta. Isso talvez justifique afirmar que o sentido do problema é característico do espírito científico”. Esta epistemologia que reivindica para os problemas uma genealogia que evidencie a gênese de sua constituição anteriormente às soluções que lhe correspondem, encontra eco já nos escritos iniciais de Deleuze e aí ganham forma de uma pedagogia do problema. O filósofo denuncia a imagem dogmática do pensamento sob a qual se erige nossa cultura como busca de soluções para problemas já dados e que se encontra dispersa em diversas formas

sociais (educação e comunicação): “Fazem-nos acreditar que a atividade de pensar, assim como o verdadeiro e o falso em relação a esta atividade, só começa com a procura de soluções, só concerne às soluções” (DELEUZE, 1988, p. 259). Mais do que a atividade científica, é o próprio pensamento que se encontra envolto nesta imagem pueril da busca de soluções, quando já devíamos discutir (na educação inclusive) uma real “participação nos problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas” (DELEUZE, 1988, p. 259).

Mas nesta reversão do pensamento a partir da noção de problema ainda precisaria de outro desdobramento que buscaremos em uma referência de Deleuze ao cinema e às instâncias matemáticas que o inspiram, fazendo uma distinção entre teorema e problema, que aqui nos parece útil. Enquanto o teorema desenvolve as relações interiores de princípio a conseqüências, o problema faz intervir um elemento do exterior que “longe de restituir ao pensamento o saber, ou a certeza interior que lhe falta, a dedução problemática põe o impensado no pensamento, pois o destitui de qualquer interioridade para abrir nele um fora, um avesso irreduzível, que lhe devora sua substância” (DELEUZE, 1985, p. 227-228). O ato de pensar não se deixaria assim representar pelo pensamento da boa-vontade que pensa voluntariamente os objetos que lhe aparecem como que pacificamente; o pensamento como ato autêntico de problematização pensa forçado por um signo - que lhe vem do exterior, que independe dele, que ele desconhece e que lhe aparece em um encontro violento.

Se queremos tirar desta nova imagem do pensamento um norte para nossas práticas de pesquisa, teríamos que repensar o modo como tratamos os problemas (e também os exemplos ou casos) em nossas atividades. Ainda sabemos pouco como incentivar e compartilhar a gênese dos problemas e, especialmente, dos bons problemas. Mas esta deveria ser nossa primeira tarefa como pesquisadores (e educadores), pois, como apontou Ba-

chelard, é a proposição das perguntas que caracteriza o espírito criador. Ao contrário, quando chegamos a ponto de preferir as respostas (ou aquilo que confirma nosso saber) às perguntas e ao que o contradiz, já se vai a chama criadora e corremos o risco de nos tornar obstáculos à própria invenção científica.

Mas não seriam apenas as respostas e os costumes intelectuais cristalizados que lhes correspondem os obstáculos à criação; a opinião seria, no entender de Bachelard, o primeiro obstáculo a se superar: “A ciência [...], opõe-se absolutamente à opinião. A opinião pensa mal; não pensa: traduz necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los. Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado” (BACHELARD, 1999, p. 18).

De novo encontramos ressonâncias entre Bachelard e Deleuze nesta denúncia da opinião como o que deve ser superado pela criação - seja em arte, ciência ou filosofia, acrescenta Deleuze. Os domínios da criação (ou do pensamento para Deleuze) devem justamente vencer as idéias prontas, o senso comum, os preexistentes e os clichês aos quais nos agarramos como a “uma espécie de ‘guarda-sol’ que nos protege do caos” (DELEUZE, 1992, p. 260) e fazem isto através de três modos: como faculdade de conhecer, o pensamento cria funções (ciência); como faculdade de conceber, o pensamento inventa conceitos (filosofia); como força-cérebro ou faculdade de sentir, o pensamento cria sensações ou agregados sensíveis (arte). Nestas três formas do pensamento, o enfrentamento daquilo que não conhecemos, não concebemos e não sentimos é apenas o instrumento de uma luta mais profunda, contra a opinião:

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda, pri-

mavera de Wordsworth ou maçã de Cézanne silhueta de Macbeth ou de Ahab (DELEUZE, 1992, p. 262).

Sendo assimilável ao próprio ato de pensar, a atividade de pesquisa encontra-se, assim, imersa em uma segunda figura a reverter: o pensamento, em qualquer campo que se exerça, não é absolutamente uma opinião (nem uma mera reflexão), mas uma invenção, seja de conceitos, de sensações e de funções. É a partir desta dupla reversão – do pensamento que é forçado pela colocação do problema; do pensamento que inventa e não apenas opina ou reflete – que gostaríamos de rever nossa posição como pesquisadores e como educadores em ciência da arte.

Pensar a partir de problemas: que outro gesto teria o pesquisador diante de uma configuração estética que quer elucidar senão deixar-se tomar pela sensação materializada pelo artista para, a partir daí, participar da decifração deste signo-problema articulando-lhe ferramentas teóricas? E o artista ele mesmo, não é também ele tocado por um algo mais para além da percepção e do visível, que ele decifra na sensação-signo que cria (de uma flor torturada, por exemplo)? Esta predileção pelo problema como disparo da pesquisa tem suas razões mais amplas em uma “política do pensamento”, como sugere Rolnik (2002, p. 7):

As sensações constituirão o critério de que se utilizará o crítico para a escolha de conceitos, a serem criados ou simplesmente rearticulados. A função dos conceitos aqui será a de ajudá-lo a decifrar as sensações mobilizadas nessa prática estética e não a de protegê-lo contra o desconhecido que tais sensações introduzem em seu mapa teórico: dois tipos de política do pensamento.

Partir do problema significa uma fina sintonia com as sensações que a obra artística em questão manifesta e que forçam uma criação/recriação das ferramentas teóricas com que se pretende indagá-la e não um achatamento de sua potencialidade sob jugo do aparato conceitual

recrutado. Um dos comentários negativos feitos à prática crítica acadêmica (na literatura e nas artes em geral) é justamente de deixar-se afetar pouco pela criação para apegar-se rápido a um hiperteoricismo: “primeiro se estuda Bakhtine, para depois, como exemplificação de seus conceitos, ler Rabelais e Dostoiévski” (WILLER, 2001, p.16). Mas é bom lembrar, aos que se comprazem de brandir a boa crítica jornalística de tempos idos contra a pesquisa e a crítica universitária, que os efeitos da mídia contemporânea e das críticas que veiculam, em geral perfeitamente inseridas na lógica de consumo cultural, não colaboram para que se encontrem saídas para a dificuldade de produção de boas críticas nas artes e na literatura: “é também o estado zero da crítica literária, a literatura transformada em espetáculo de variedades [...] jogo televisado” (DELEUZE, 1990, p. 175-176). Que não sejam estes os nossos pecados, como pesquisadores, de sob o pretexto de montar um acesso teórico e indagador à obra artística, terminarmos por afastá-la definitivamente, ou sermos envolvidos por um equívoco antiacademicista que nos ronda e nos tornarmos meros veículos de uma opinião já prevista nas formas do mercado de cultura, que se compraz de manter a distância o conceito e sua potência indagadora.

Qual é pois nossa perspectiva como pesquisadores em ciência da arte? Aceitando a sugestão de Deleuze, a partir do que foi apresentado anteriormente sobre a arte, a ciência e a filosofia (como disciplinas que produzem cada qual os seus objetos, os agregados sensíveis ou sensações na arte, os conceitos na filosofia, as funções na ciência) deve-se levantar a questão dos ecos e das ressonâncias entre elas: como é possível que um conceito, uma sensação e uma função se encontrem?

É preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécies de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de se interferir [...] o que é preciso ver é que as interferências entre linhas não derivam da vigilância ou da reflexão mútua. Uma disciplina que se desse por missão seguir um mo-

vimento criativo vindo de alhures abandonaria ela mesma toda função criadora (DELEUZE, 1990, p. 170-171).

Talvez esteja aí nossa tarefa: dizer/criar as ressonâncias e as interferências entre os domínios (Deleuze mostra o que passa entre uma concepção fílmica do tempo em Resnais e uma operação da física de Prigogine, entre um conceito filosófico de espaço e um espaço de Breton), mas para que cada disciplina, a partir deste outro com a qual se comunica, transforme-se, de modo que possa vencer o discurso preestabelecido da unidade (seja em arte, ciência ou filosofia), como propunha Bachelard (1999, p. 21): “sempre será possível ao espírito científico variar-lhe as condições, em suma, sair da contemplação do mesmo para buscar o outro [...]. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo”.

Direcionando nossa discussão para o estado de um espírito científico que desejaríamos fomentar na contemporaneidade, resgatamos de Bachelard a idéia da “paciência científica” que está relacionada ao “interesse vital” pela pesquisa e que constitui a “base afetiva” que conduzirá ao interesse/empenho pela pesquisa, não desprezando a objetividade social. Com esta sucinta incursão ao pensamento bachelardiano e deleuzeano, desejamos sustentar que o ato de pesquisar pode ser aproximado na arte e na ciência tendo em vista o pensar contundente de Bachelard:

[...] toda cultura científica deve começar [...] por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1999, p. 24).

Assim, se fossemos avançar nos obstáculos epistemológicos discutidos por Bachelard, os encontraríamos em pesquisas de qualquer natureza e campos do conhecimento. O problema impulsiona o pensar científico,

“o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar” (BACHELARD, 1999, p. 21).

Resumen

Discusión sobre la actividad de investigación en ciencia y arte bajo la perspectiva de la práctica pedagógica e investigativa de las autoras realizada en el pos-grado (maestría) en Ciencia del Arte. El acto de investigar se ve como acto creativo dinamizado en diversos dominios del saber, aunque cada área tenga su singularidad en el proceso creativo de origen o generación de la investigación. La actividad de investigación se analiza a la luz de la reversión que la noción de problema implica, cuando se tiene como fuente de recursos de explicitación conceptual la filosofía de Gaston Bachelard y Gilles Deleuze.

Palavras-clave: Investigación. Ato criativo. Problema.

NOTAS

- ¹ Cf. também em BACHELARD, G. *Le rationalisme appliqué*. Paris: P.U.F, 1949.
- ² Entendemos que os “estados do espírito científico” podem ser relacionados à noção de “obstáculo epistemológico” (contra pensamento) nomeados por Bachelard e que permanecem no pensamento, no inconsciente, muitas vezes culturais, do psiquismo. Ainda, “um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado” (BACHELARD, G.. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.19, 22, passim).
- ³ Acreditamos ser esclarecedor chamar à baila um pouco do pensar de Bachelard sobre conceitos que se distingue em alguns aspectos da idéia deleuzeana de conceito, que seria singular do contexto filosófico: “O epistemólogo deve, pois, captar os conceitos científicos em sínteses psicológicas efetivas, isto é, em sínteses psicológicas progressivas, estabelecendo, a respeito de cada noção, uma escala de conceitos, mostrando como um conceito deu origem a outro, como está relacionado a outro. Terá, então, alguma probabilidade de avaliar a eficácia epistemológica” (BACHELARD, 1999, p. 22).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. (1996). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- _____. (1949). *Le rationalisme appliqué*. Paris: P.U.F.
- DELEUZE, G. (1985). *Cinéma 2: L'image-temps*. Paris: Minuit.
- _____. (1988). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- _____. (1990). *Pourparlers*. Paris: Minuit, 1990.
- _____; GUATTARI, F. (1992) *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, RJ: 34 Letras.
- ROLNIK, Suely (2002). *Subjetividade em obra*. Valor Econômico. São Paulo, 12 abr. 2002. Caderno Eu&.
- WILLER, Claudio. *A crise da crítica*. Cult 49: Caetano Veloso, o poeta da MBP. São Paulo, ago. 2001.

Enviado em 01 de junho de 2008
Aprovado em 24 de junho de 2008

